

## Editorial

Chegamos ao ano de 2023! Parece tornar-se possível que voltemos a respirar ares de liberdade e de revalorização da ciência e das questões educacionais. Em nosso país, ainda com tantas desigualdades, necessitamos de novos direcionamentos políticos e de pensamentos que nos permitam a renovação pedagógica. Acompanhando a reflexão de documentos e iniciativas globais – com os *Futuros da Educação*, da Unesco, e o *Pacto Educativo Global*, advindo das ponderações do Papa Francisco – desejamos que neste ano os artigos publicados na *Educação Unisinos* nos auxiliem a refletir sobre os propósitos da educação.

A reflexão sobre os propósitos da educação, hodiernamente, percorre caminhos teóricos bastante heterogêneos. Todavia, converge para uma preocupação em colocar em debate a questão antropológica. Bernard Charlot (2021), em seus escritos recentes, considerou que vivemos uma condição paradoxal, qual seja: ao mesmo tempo em que há um regresso da intolerância, do ódio, dos negacionismos de diferentes matizes, também se evidencia uma ampliação dos questionamentos sobre a definição do humano. Em outras palavras, acompanhando ao sociólogo francês, constatamos uma crescente indeterminação sobre a definição do que seja um ser humano.

Essa indeterminação antropológica também se explicita nas teorizações educacionais. Ao longo do século XX, vivenciamos os tensionamentos entre as pedagogias ‘tradicional’ e ‘nova’: ainda que divergentes, assentavam-se em bases antropológicas que lhe favoreciam com uma definição da natureza humana e de como esta deveria ser educada. Não custa retomar, ainda na companhia de Charlot, que a pedagogia tradicional instituiu a norma contra o desejo, uma vez que a criança possuía uma inclinação natural para o mal. Por outro lado, as pedagogias novas estabeleceram perspectivas do desejo contra a norma, fazendo emergir tendências educativas com foco no interesse, no desejo, nas aptidões e nas experiências.

Retomar este debate, já bastante conhecido, serve para apresentar a perspicaz conclusão oferecida por Charlot: “quando não há mais resposta à questão antropológica, ou, pior ainda, quando já não é sequer levantada, a porta está aberta para a barbárie”. Sua hipótese é que, hoje, desapareceram os grandes debates sobre os sentidos e os propósitos educacionais, conduzindo-nos a uma bricolagem pedagógica, acompanhada de uma mera resposta às lógicas econômicas.

Sob outra perspectiva, o filósofo Gert Biesta (2021), em um artigo publicado nesta revista, levanta questionamentos na mesma direção. A preocupação excessiva com resultados de aprendizagem, baseados

em métricas globais, colocou-nos diante de uma ‘dieta restritiva’. Para além de um empobrecimento dos currículos e programas educativos, há um alargamento do processo de responsabilização dos atores escolares acerca da eficácia dos resultados. Adverte o filósofo que “é uma triste situação, especialmente quando os estudantes sucumbem sob a pressão do bom desempenho em culturas em que o fracasso não é tolerado” (2011, p. 3).

Em tais condições, ao longo deste ano, pretendemos privilegiar um debate sobre os propósitos educacionais, provocando – com nossas limitações – novas abordagens para uma recomposição crítica da escola brasileira. Ainda precisamos manifestar o nosso agradecimento a todos os participantes deste processo editorial: integrantes da comissão, autores e autoras, avaliadores e avaliadoras ad hoc e leitores e leitoras. Agradecemos também ao Programa de Pós-Graduação em Educação pelo estímulo a esta diversificação temática e pelas possibilidades de permanente diálogo.

Boa leitura!

**Roberto Rafael Dias da Silva**

Editor - *Educação Unisinos*

Janeiro de 2023

#### **Referências:**

BIESTA, Gert. Reconquistando o coração democrático da educação. *Educação Unisinos*, v. 25, p. 1-7, 2021.

CHARLOT, Bernard. *Educação ou barbarie?* Uma escolha para a sociedade contemporânea. São Paulo: Cortez, 2020.

